

NARRATIVAS E DIÁLOGOS ACERCA DA *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*: ENTREVISTA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

FAGUNDES, Maurício Cesar Vitoria*

BRAGA, Maria Margarete S. de Carvalho**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues***

RESUMO

Carlos Rodrigues Brandão é mestre em Antropologia, doutor em Ciências Sociais, livre docente em Antropologia do Simbolismo e possui pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Nesta entrevista, concedida a Margarete Sampaio e Maurício Fagundes, Brandão coloca em tela a sua trajetória, elementos que a antecederam e os processos que constituíram *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Destaca que a obra, alicerçada na Educação como Prática da Liberdade, anuncia uma pedagogia da luta

* Professor Associado da Universidade Federal do Paraná -Setor Litoral - UFPR Litoral, Dr. em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino - Mestrado Profissional e Docente do Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais. Coordenador do Grupo de Pesquisa Universidade Escola. Membro do Grupo de pesquisa Formação de Professores Ensino e Avaliação e integra a Rede Freireana de Pesquisadores, vinculada à Cátedra Paulo Freire da PUC/SP. E-mail: mauriciovitoriafagundes@gmail.com

** Graduada em PEDAGOGIA, pela Universidade Federal do Ceará (1983). Mestre em EDUCAÇÃO BRASILEIRA, pela Universidade Federal do Ceará (1998). Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará. Tem estudos e experiências em Educação, com ênfase em didática, currículo, coordenação pedagógica, formação de professores e Paulo Freire. Faz parte do Centro Paulo Freire - estudos e pesquisas e da Cátedra Paulo Freire, sediados na UFPE. Integra a Rede Freireana de Pesquisadores, vinculada à Cátedra Paulo Freire da PUC/SP. Realizou o Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Saul. E-mail: margaretesamp@yahoo.com.br

*** Licenciado em psicologia e Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965); mestre em antropologia pela Universidade de Brasília (1974). doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1980); livre docente em antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É "fellow" do St. Edmunds College da Universidade de Cambridge. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular. É Comendador do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás, doutor honoris causa pela Universidad Nacional de Lujan (Argentina), professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia, e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas. Escreveu artigos e livros nas áreas de antropologia, educação e literatura. E-mail: carlosdecaldas@gmail.com

e da esperança, estada na educação popular, marcada por princípios freireanos de uma educação que tem como função social não apenas ilustrar as pessoas, mas também contribuir para que se tornem críticas e partícipes de processos de transformação do mundo. Provocado a anunciar pistas de esperança, inspira-se em Freire e reitera a necessidade de transformar mentes, tendo como horizonte a pedagogia do oprimido, princípio educativo da educação popular. Os relatos de Brandão destacam que a obra freireana gera inquietações, inspirações, transformações, sonhos e esperanças na emancipação humana. Brandão instiga a busca pelo entendimento de *Pedagogia do Oprimido* como obra e como princípio educativo, a partir de seu próprio testemunho de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire. Educação Popular.

**NARRATIVES AND DIALOGUES ABOUT THE PEDAGOGY OF THE OPPRESSED:
INTERVIEW WITH CARLOS RODRIGUES BRANDÃO**

FAGUNDES, Maurício Cesar Vitoria^{*}
BRAGA, Maria Margarete S. de Carvalho^{**}
BRANDÃO, Carlos Rodrigues^{***}

ABSTRACT

Carlos Rodrigues Brandão holds a master's degree in Anthropology, a Ph.D. in Social Sciences, a free lecturer in Anthropology of Symbolism and a postdoctoral degree from the University of Perugia and the University of Santiago de Compostela. He is a contributing professor of the Postgraduate Program in Anthropology of the State University of Campinas (UNICAMP), a collaborating professor of POSGEO at the Federal University of Uberlândia (UFU) and visiting professor at Goiás State University. In this interview, given Margarete Sampaio and Maurício Fagundes, Brandão sets forth his trajectory, elements that preceded and processes that constituted Pedagogy of the Oppressed, by Paulo Freire. It emphasizes that the work, based on Education as a Practice of Freedom, announces a pedagogy of struggle and hope, based on popular education, marked by Freirean principles of an education whose social function is not only to illustrate people, but also to contribute to become critical and participate in processes of transformation of the world. Promoted to announce clues of hope, he draws inspiration from Freire and reiterates the need to transform minds, having as a horizon the pedagogy of the oppressed, the educational principle of popular education. The accounts of Brandão emphasize that the Freirean work generates restlessness, inspirations, transformations, dreams and

^{*} Associate Professor at the Federal University of Paraná -Setor Litoral - UFPR Litoral, Dr. in Education from the University of Vale dos Sinos River - UNISINOS. Professor of the Postgraduate Program in Education: Theory and Practice of Teaching - Professional Master's and Teacher of the Professional Master's Degree in National Network for Teaching of Environmental Sciences. Coordinator of the Research Group University School. Member of the Research Group Teacher Training Teaching and Evaluation and integrates the Freireana Researchers Network, linked to the Paulo Freire Chair of PUC / SP. E-mail: mauriciovitoriafagundes@gmail.com

^{**} Graduated in PEDAGOGIA, from the Federal University of Ceará (1983). Master in BRAZILIAN EDUCATION, by the Federal University of Ceará (1998). PhD in Education, Federal University of Pernambuco. Adjunct Professor of the State University of Ceará. Has studies and experiences in Education, with emphasis on didactics, curriculum, pedagogical coordination, teacher training and Paulo Freire. It is part of the Paulo Freire Center - studies and research and the Paulo Freire Chair, based at UFPE. Integrates the Freireana Researchers Network, linked to the Paulo Freire Chair of PUC/SP. He completed postdoctoral studies in the Postgraduate Program: Curriculum of the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC/SP), under the guidance of Profa. Dr. Ana Maria Saul. E-mail: margaretesamp@yahoo.com.br

^{***} Graduated in Psychology and Psychology from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (1965); Master's degree in Anthropology from the University of Brasília (1974). PhD in social sciences from the University of São Paulo (1980); free lecturer in anthropology of symbolism from the State University of Campinas. He holds a postdoctoral degree from the University of Perugia and the University of Santiago de Compostela. It's & quot; fellow & quot; of St. Edmunds College of Cambridge University. He is currently a contributing professor of the Postgraduate Program in Anthropology at the State University of Campinas (UNICAMP), a contributing professor at POSGEO at the Federal University of Uberlândia (UFU) and a visiting professor at the State University of Goiás. emphasis on peasant anthropology, anthropology of religion, popular culture, ethnicity and education, with a focus on popular education. He is Commander of Scientific Merit by the Ministry of Science and Technology, honorary doctor of the Federal University of Goiás, honorary doctor of the National University of Lujan (Argentina), professor emeritus of the Federal University of Uberlândia, and professor emeritus of the State University of Campinas. He wrote articles and books in the areas of anthropology, education and literature. E-mail: carlosdecaldas@gmail.com

Maurício Cesar Vitoria FAGUNDES, Maria Margarete S. de Carvalho BRAGA, Carlos Rodrigues BRANDÃO
Narrativas e diálogos acerca da pedagogia do oprimido:
entrevista com Carlos Rodrigues Brandão



hopes in the human emancipation. Brandão instigates the search for the understanding of Pedagogy of the Oppressed as a work and as an educational principle, based on his own testimony of life.

KEYWORDS: *Pedagogy of the Oppressed. Paulo Freire. Popular Education.*

=====

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de colocar em tela elementos que antecederam, constituíram e permanecem a/na obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, mostramos diálogos e narrativas de e com Carlos Rodrigues Brandão. Esse evento se deu no primeiro semestre de 2018, em Campinas-SP, numa tarde de final de inverno, aquecida pelo calor humano advindo de um acolhimento generoso, a começar pela farta e rara sombra de uma mangueira frondosa. As boas-vindas materializaram-se no portão aberto, que nos convidava a entrar sem a menor cerimônia ou anúncio de chegada, culminando com um largo sorriso e abraço fraterno de Brandão e sua querida Maria Alice.

O jeito amoroso de acolher é, também, conteúdo explicativo do modo de sentir-viver do educador Carlos Rodrigues Brandão. O desejo pelo diálogo é um importante constructo da *Pedagogia do Oprimido* e o esteio de passos, que trilham o caminho da educação popular, tendo como horizonte a educação libertadora, como indica a epígrafe.

O princípio educativo presente na *Pedagogia do Oprimido* antecede a obra propriamente dita. Paulo Freire e sua equipe, movidos pelo ideário da cultura popular, desde o início dos anos 1960 até a ditadura militar, organizaram no Recife movimentos de cultura popular. Vinculadas aos Centros Populares de Cultura, as iniciativas congregavam estudantes, professores, intelectuais, artistas, engenheiros, médicos, arquitetos e pessoas da área de teatro, como Augusto Boal, mentor do *Teatro do Oprimido*.

A constituição da *Pedagogia do Oprimido* foi calcada na Educação como Prática da Liberdade que, posteriormente, foi denominada por educação popular, expressão que aparece, pela primeira vez, no livro *Educación popular y concientización*, lançado em Buenos Aires, assinado por Júlio Barrero, pseudônimo de Brandão¹.

O entrevistado recorre à metáfora do triângulo para delinear o contexto de surgimento da educação popular: reescritura do marxismo na América Latina, explicitada nos movimentos de cultura popular; virada para o social, na igreja, derivando a Teologia da Libertação, de um lado, e, de outro, o solidarismo cristão, movimento de abertura, de saída de si, de formulação de um mundo solidário, de base cristã, de humanismo, mas de regulação de sistema, que, portanto, não abarcava a radicalidade paulofreireana de uma educação para transformar este mundo.

Mediante uma lógica dialética, Paulo Freire delineia uma *Pedagogia do Oprimido* sistematizada em “um livro que no lugar de tornar um mito e, depois, um esquecimento, como acontece com tantos outros, tornou-se uma mensagem e também uma presença”, diz Brandão.

No esteio da educação popular, nasceram a Teologia da Libertação, a investigação participativa, movimentos sociais populares, como o MST, e, mais recentemente, a “Pedagogia Social”, a “educação comunitária” e outras educações localizadas em distintos espaços, porém de base popular. O mundo globalizado e as demandas formadas por distintos grupos vão reconceituando a educação popular, para além das lutas de classe, abarcando, por exemplo, a questão ambiental. São ideias plurais que Paulo Freire sintetizou em nome da emancipação social frente ao sistema de mundo capitalista.

Para Brandão, Paulo Freire lançou um processo em direção à pesquisa participante com o método de alfabetização, ao reconhecer e considerar o universo vocabular dos alfabetizandos, por meio de uma investigação, seguida de um trabalho com o universo temático, junto à comunidade, fazendo trabalhos que tivessem vínculos com a memória social. Cuida de uma educação voltada ao povo, com base nos seus próprios termos, sendo libertadora e dialógica o tempo todo.

Mesmo assegurando que a educação popular, na sua origem, é uma educação dos movimentos sociais, Brandão reconhece que fecundou muitas políticas de escola pública no Brasil, a exemplo da Escola Plural, em Minas Gerais; e da Escola Cidadã, no Rio Grande do Sul, em que se tentou engendrar transformações substanciais, sobretudo, nas escolas públicas das crianças mais pobres, e aponta limites para a educação popular nas escolas públicas de educação básica e no ensino superior.

Provocado a anunciar pistas de esperanças, Carlos Rodrigues Brandão inspira-se em Freire e reitera a necessidade de transformar mentes, tendo como horizonte a *Pedagogia do Oprimido*, por meio da Educação Popular, possibilidades transformadoras desse mundo.

Por fim, não como conclusão, porém mais uma percepção, os relatos de Brandão revelam profunda influência da produção teórico-prática freireana, principalmente a *Pedagogia do Oprimido*, obra e princípio educativo geradores de inquietações, inspirações, transformações, sonhos e esperanças na emancipação humana.

Nesta senda, trazemos na sequência a transcrição literal de uma longa conversa que nos inspira a buscar o entendimento da obra, do princípio educativo e de testemunho de vida, ao modo freireano.

=====

A trajetória e as lembranças

Entrevistadores: Prof. Brandão, elencamos algumas provocações, porém não para engessar nosso encontro, mas para que, a partir delas pudéssemos estabelecer um belo diálogo à moda freireana. A primeira provocação e ou curiosidade é saber como sua trajetória se cruza com a de Paulo Freire.

Carlos Rodrigues Brandão: Começo brevemente situando um pouco os momentos e os tempos em que convivi com Paulo Freire. Corriam os anos de 1960, a década que não acabou, como muita gente diz. No ano de 1961, ingressei na Universidade Católica do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, na Juventude Universitária Católica – JUC. Em 1963, entrei para o Movimento de Educação de Base – MEB. Foi assim que, em janeiro de 1964, fui para um treinamento, chamado tratamento do MEB, na terra do Lula, Garanhuns, interior de Pernambuco, e o interessante é que durante todo esse tempo o MEB era o movimento que mais aplicava, mais colocava na prática as ideias do Paulo, que estavam nascendo ainda.

O MEB surgiu, mais ou menos, no mesmo tempo em que Paulo estava formando a primeira equipe dele no Nordeste, em 1960, na então Universidade do Recife, por meio do Serviço de Extensão Cultural (SEC) – eram o Paulo Freire, o Jarbas Maciel, o Jomard Muniz de Brito e a Aurenice Cardoso. Inclusive nesse livro, importantíssimo, intitulado *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*, organizado por Osmar Fávero (1983), traz quatro primeiros artigos da equipe do Paulo Freire, inclusive do próprio Paulo Freire, que é bem anterior à *Pedagogia do Oprimido*, um artigo de 1960 ou 1961. Foi publicado, inicialmente, em *Estudos Universitários* – Revista de Cultura da Universidade do Recife (nº 4, abril/junho de 1963). Nessa revista, há também um longo dossiê sobre o MEB, acerca dos vários movimentos de educação popular e a fundamentação teórica sobre o sistema Paulo Freire de educação, escrito pelo Jarbas Maciel. Jarbas demonstra que não era apenas de um método de alfabetização, no entanto, algo muito mais amplo – o sistema Paulo Freire de educação, que envolvia uma universidade popular, porém, partindo da alfabetização infantil indo até um instituto internacional, denominado de Centro de Estudos Internacionais (CEI) que previa intensa transação entre os países considerados subdesenvolvidos, buscando sua integração.

Interessante é que em todo esse tempo, eu não conhecia o Paulo, pessoalmente. Quando ia a um encontro de educadores, chamado pelo Paulo, o evento não aconteceu, pois foi no dia em que sucedeu o golpe militar de 1964. Daí Paulo foi preso, exilado, foi para Bolívia, Chile, Estados Unidos e para Genebra. Nesse tempo de exílio no Chile, escreveu a *Pedagogia do*

Oprimido. Só o conheci pessoalmente quando ele voltou em 1979, negociando a volta definitiva, ocorrida em 1980. Nesse ano, tive uma reunião com ele na casa do Francisco Weffort, que era genro do Paulo, casado com a educadora Madalena Freire, porque o meu nome foi cogitado para substituí-lo no Conselho Mundial de Igrejas, mas eu desisti, porque ele mesmo me disse que era muito chato, pois ficava de terno e gravata, recebendo gente do mundo inteiro. Freire dizia que esse trabalho só valia a pena quando ia para a África, de onde saíram belos trabalhos.

Durante o exílio na Suíça, o Freire, juntamente com um grupo de brasileiros, do qual, entre outros, participavam, Rosiska Oliveira, Miguel Oliveira e Claudius Ceccon, criaram o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que era um centro de pesquisa e intervenção pedagógica, participando de experiências educativas desde a alfabetização até a ação cultural em jovens países africanos. Nesse período foram escritas as *Cartas à Guiné Bissau* e *Cartas aos Camaradas de São Tomé e Príncipe*.

Ao retornar ao Brasil em 1980, Paulo foi incorporado à UNICAMP. Nessa época, eu trabalhava no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e o Paulo na Faculdade de Educação, mas, claro, nos aproximamos, nos tornamos amigos, não só no trabalho, mas também após o trabalho em rodadas de bar. Viajamos juntos, fomos para Nicarágua a um encontro de educação popular. A primeira viagem que fez após o exílio foi para Goiânia, em um encontro nacional de supervisores da educação, onde até saiu uma foto no jornal, com o Paulo de braços abertos. Daí nos tornamos amigos, fizemos muitas parcerias, publiquei trabalhos dele, e sempre que posso eu recorro a uma coisa que quando se fala do Paulo Freire se esquece, pois, apesar de falarmos e alardearmos o Paulo Freire, Paulo Freire, Paulo Freire, mas ele sempre foi uma pessoa muito plural, nunca foi só. O Moacyr Gadotti gosta de dizer que o Paulo é um homem coletivo.

A história que eu havia pedido para vocês me lembrarem, para eu contar da Argentina, é de quando eu estava lá com ele em 1985. Eu fazia parte do CEAL, Conselho de Educação de Adultos da América Latina, e o Paulo era o presidente de honra. O Paulo foi convidado pelos educadores argentinos para fazer uma palestra. No princípio, ele recusou, disse que não, que tinha ido só para a reunião. Aí eles vieram falar comigo para interceder junto ao Paulo. Aí eu disse: *deixa comigo!* Falei com o Paulo que não era uma palestra, mas só uma conversa com os educadores no Teatro San Martin. Aí chegamos no dia seguinte, quando seria a conversa, o auditório estava cheio, mais de três mil pessoas. Aí, como sempre, ele com um papelzinho,

=====

rabiscando umas palavras, e chegou a hora dele falar, e cada um de nós tinha falado um pouquinho, entre cinco a dez minutos, inclusive o Perez Esquivel, que tinha ganhado o prêmio Nobel da Paz. O Paulo anunciou que iria falar também rápido, somente cinco minutos. O Paulo falou uma hora e meia (risos). Aí anunciou que não iria estabelecer um decálogo, mas lembraria o que seriam os dez valores ou os dez princípios do bom professor. Não posso afirmar, mas tenho quase certeza de que a Pedagogia da Autonomia nascia ali, pois é muito parecido com que ele falou lá. De forma geral essa é minha história. Me lembro de quando Paulo se foi, eu estava lá no meu sítio Rosa dos Ventos, no Sul de Minas. Quando a notícia chegou não daria para ir no velório em São Paulo, aí fizemos o ritual em uma capela ecumênica, levamos alguns de seus livros e lemos, aqui e ali, algumas passagens. Os que conviveram rememoram instantes de sua vida. Levei junto um cálice de uma boa pinga. À moda do povo que ele sempre amou tanto, derramei um pouquinho no chão e coloquei o copo sobre o altar, entre uma bíblia e uma vela. Disse a ele e a todos os que estavam ali, num círculo de companheiros, como ele sempre gostou que fosse: “o resto é seu, pode tomar”. Tomamos juntos.

Entrevistadores: No seu livro *Paulo Freire: uma vida entre aprender e ensinar* (2017, p. 24) o senhor traz o contexto dos anos 1960, destacando alguns dos movimentos que marcaram essa época: “como Concílio Vaticano II, a vitória da Revolução Cubana, a revolta dos estudantes em Paris e uma intensa mobilização popular no Brasil e na América Latina, o tempo dos movimentos de cultura popular no Brasil e da criação das primeiras experiências de uma ‘educação libertadora’”. A obra *Pedagogia do Oprimido* nasce desse contexto?

Carlos Rodrigues Brandão: É realmente muito importante lembrar alguma coisa muito esquecida, pois a *Pedagogia do Oprimido* não sai do nada, aliás nenhum livro sai do nada. Os anos que vão envolver toda a década de 1960 foram anos muito marcados e muito importantes. Nós vivemos mais da metade desses anos embaixo da ditadura, de 1964 a 1970, mas talvez até por isso foram anos de enfrentamento da ditadura. Se praticava uma educação popular de 1960 a 1964, imaginando que a revolução socialista estava aí, chegando. Tinha o modelo de Cuba frente a nós, que estava muito quente; os movimentos sociais da América Latina; a descolonização da África; o maio de 1968; o Conselho Ecumênico do Vaticano II; os movimentos de contracultura; música de protesto; teatro do oprimido; tudo isso explodindo e acontecendo durante aquele período riquíssimo, antes e durante a ditadura militar. Um período em que em termos mais próximos de ação social e sobretudo de educação, foi um período que teve duas características importantes, que nem sempre são lembradas. A primeira característica

é que durante, pelo menos os 4 ou 5 primeiros anos da década de 1960, até a Ditadura e um pouquinho mais, o que nos movia não era a educação popular, não tinha nem esse nome, era cultura popular. Tanto que o livro do Osmar Fávero, chama *Cultura Popular e Educação Popular*. Era cultura popular, movimentos de cultura popular, inclusive Paulo e essa equipe dele, organizam no Recife, em janeiro de 1962, o primeiro Encontro Brasileiro de Movimentos de Cultura Popular. E o que era o rico desses movimentos, que se realizavam através dos Centro Populares de Cultura (CPC), vinculados ao Movimento Estudantil? Era a congregação de estudantes, professores, intelectuais, artistas, engenheiros, médicos, arquitetos, gente da área de teatro, como Augusto Boal, com o Teatro do Oprimido.

Entrevistadores: Isso com início no Recife, professor?

Carlos Rodrigues Brandão: Não só no Recife, isso se espalhou pelo Brasil inteiro, mas o primeiro encontro, o início, foi no Recife. Naquele tempo, quando duas pessoas se encontravam, e alguém perguntava: “Você tá lidando com o quê?” “Ah, com cultura popular”. “Em que área?” [Respostas:] “Ah, tô fazendo teatro popular”; “Tô fazendo cinema popular”; “Tô fazendo alfabetização popular”. A gente usava o nome alfabetização popular, já trabalhando com Paulo Freire, mas não usava, ainda, ninguém no mundo, educação popular, que apareceu muito depois.

Aliás, essa pergunta aqui: “Quando a pedagogia se tornou do oprimido? Quando a educação se tornou popular?” foi uma pergunta que eu fiz a várias pessoas, em função de uma questão de Oscar Jara, que é o atual presidente do SEAL, pra tese do doutorado que ele acabou de defender. Ele fez um levantamento e descobriu que a palavra educação popular não aparecia em lugar nenhum. Só tinha um movimento, pequenino, na Paraíba, vai aparecer aqui no livro do Osmar Fávero, o Centro de Educação Popular da Paraíba (CEPA). Não tinha um livro. Não tinha um artigo. Não tinha nada. A não ser, talvez, peça perdida. Muitas vezes até pensando em educação popular, como uma educação popular que a gente chamava de primeira era. Aquela que tinha, aqui, no Brasil, nos anos 1920 e 1930, quando alguns educadores lutam por uma educação pública, democrática, de qualidade. E alguns chamam aquilo de educação popular.

Entrevistadores: A ONU, na época do pós-segunda guerra, trabalhou um pouco com a ideia de educação popular, porém não com a conceituação freireana, não?

Carlos Rodrigues Brandão: Aí tem uma coisa interessante. Naquela ocasião, justamente no fim da guerra, um pouco antes da Declaração dos Direitos Humanos, em 1948. E a ONU então lançou um programa internacional. Inclusive eu estudei no México em 68, em um centro que

=====

era difusor dessa proposta, chamava DOC – Desenvolvimento e Organização de Comunidade – e a UNESCO lança a educação permanente, que depois vai se chamar educação por toda a vida. Poucos anos atrás, aliás, foi a última intervenção do Aloísio Mercadante como ministro, foi uma abertura de uma CONFINTEA, acho que em 2016 ou em 2015, que foi uma grande conferência internacional da UNESCO de educação ao longo de toda a vida, uma ideia lançada justamente nos anos 1960. E é interessante como a gente vai aproximar, inclusive o Paulo Freire, ele é amigo do Pierre Furter, que é um educador suíço que viveu anos no Nordeste, e que veio com a incumbência de levar à frente a ideia unesquiana de uma educação permanente. Só que a educação popular, que teve esse nome depois, tinha primeiro naqueles anos, sobretudo, uma radicalidade muito maior. Produção da expressão do Boaventura de Sousa Santos: “Enquanto a educação permanente visava uma reorganização, uma espécie de reordenamento, uma melhoria do sistema capitalista, do sistema ruim, a educação popular lutava por uma emancipação desse sistema. Regulação e emancipação”. E então, é curioso que o Oscar Jara, aí eu joguei essa pergunta para várias pessoas aqui do Brasil, Colômbia, Argentina, [...] fizemos um diário interessante. E o Oscar Jara vai descobrir que a primeira vez que a educação popular aparece em um livro, com todas as letras, é em um livro meu. É aquele *Educação popular em processo de conscientização* que saiu em 1974 com nome de Júlio Barrero, um teólogo uruguaio, que nós chegamos à conclusão de que seria perigoso sair no Brasil o meu nome, se bem que ele saiu primeiro na Argentina *Educación popular y concientización*, depois, 10 anos mais tarde, foi publicado aqui no Brasil pela editora Vozes, eu saí tradutor do meu próprio livro. Bom, mas isso é uma história paralela. Naqueles anos, nos anos 1960, alguns acontecimentos, do ponto de vista que vi, tiveram construção de ideias, teorias fundamentais do que estava acontecendo. E o *Pedagogia do Oprimido* vai ser uma superação da educação como prática da liberdade, está no miolo disso aí. Então, se fosse um triângulo, você tinha num pé dele, não só no Brasil, mas a América Latina em alguns países, mais forte no Brasil, toda uma reescrita de marxismo. Então do ponto de vista latino-americano, não só através de movimentos. Em Cuba, Camilo Torres. Na Colômbia, mas através também de ideias, discussão muito quente, inclusive, muito marcada e muito forte nesse campo da cultura popular. Havia um esforço muito grande, de repente, inclusive, muito motivado pelo triunfo da revolução cubana, que depois tornou Cuba uma sociedade comunista, tornando-se um modelo no horizonte. Uma efervescência muito grande no âmbito do marxismo, pois, de um lado, sem que seja menos importante, a mesma coisa aconteceu na religião. Primeiro, católicos, definidamente. Depois, alguns grupos

protestantes, Rubem Alves teve um papel importante ali. Não fazer a mesma coisa. Não fazer todo um repensar da mensagem cristã, a missão do cristão. Fazendo o que a gente chamou “a virada para o social”. Inclusive, como eu estava na JUC em 1961, eu participei dia a dia disso a partir desse ano. Por exemplo, o Diretório Acadêmico da Universidade Católica, minha Universidade, lançou um dos documentos mais importantes, inclusive está nesse livro do Osmar Fávero, que é o famoso *Manifesto do DCE da PUC*, que é, todo ele, inspirado pelo padre Henrique da Lima Vaz, que é um padre jesuíta de esquerda. Inclusive, acusado de ser até hegeliano, e que vai embasar boa parte do que era o mundo cristão. Eu trouxe aqui, para vocês terem uma ideia, *Cristianismo hoje*, um livro precioso, daquele tempo, frei Ricardo Onel, padre Henrique Vaz, o Herbert José de Souza. Sabe quem é? O Betinho. Nesse livro, aparece a cultura do povo.

No livro do Osmar tem vários artigos sobre cultura popular, com Carlos Estevam, com Ferreira Gullar, anteriores a este livro. Esse livro já vai envolver Ecléa Bosi, Luiz Eduardo Wanderley, que era do MEB comigo. O Celso Beisiegel, acho que foi o que escreveu um dos primeiros livros acadêmicos sobre educação popular. O Rubem Alves, a Marilena Chauí, escreveram também outros documentos.

Entrevistadores: Foi nesse bojo que nasceu, na igreja, o que veio a ser denominado de “Teologia da Libertação”?

Carlos Rodrigues Brandão: Teologia da Libertação que vai, justamente, nascer daí, de toda essa efervescência.

Entrevistadores: *Pedagogia do Oprimido* entra nesse acervo de literatura dos padres?

Carlos Rodrigues Brandão: Bom, deixa eu complementar o triângulo primeiro. E em uma outra linha, quer dizer, aqui nessa linha cristã, que foi, justamente, depois derivar teologia da libertação, que vai marcar, justamente, frei Betto, dominicanos, Leonardo Boff, frei Carlos Josafá e toda uma multidão de estudantes da JUC naquele tempo, depois profissionais. Muitos perseguidos, mortos, exilados, amigos meus. A gente traz para a igreja não só essas ideias, mas também pensamentos de Emmanuel Mounier, que marcou profundamente Paulo Freire, Pierre Chardin e vários outros pensadores cristãos, sobretudo franceses, que estão tratando não com a nossa radicalidade latino-americana, mas tratando de pensar uma outra igreja, um outro homem, uma outra construção de mundo. E daí, justamente, vai derivar depois a teologia da libertação que já é 70/80. Já é nessa década posterior. E você tinha ainda, para fechar o triângulo, uma linha que, hoje em dia se fala muito menos dela, mas é importante porque era uma espécie de

=====

terceira alternativa, que estava ligada a essa ideia de “solidarismo”. “Solidarismo cristão”. Inclusive era muito próximo a nós. Mas nós, inclusive em eleições de diretório que fizemos na Católica, nos tornamos opositores a eles pela mesma razão que eu falava antes, ou seja, era um movimento muito interessante de abertura, de saída de si, de construção de um mundo solidário, muita base cristã, mas um humanismo, também, de regulação de sistema. Essa radicalidade paulofreireana, de uma educação para não apenas ilustrar as pessoas para se tornarem críticas dentro do mundo capitalista, mas para transformar este mundo, não fazia parte do ideal deles. Tanto assim que, em 1962, olha que coisa curiosa, os cristãos de esquerda e os comunistas, criam a frente única. Votavam juntos contra essa outra ala cristã, tanto assim que tem uma entrevista do Paulo Freire, não sei a quem ele dá, se é a Ira Shör ou outra pessoa, mas que tem uma passagem muito interessante. Perguntam a ele se ele era marxista e perguntam a ele se ele era cristão. E ele diz assim: “Bom, se você considera ser marxista lutar contra essa sociedade capitalista, classista, injusta, em nome da criação de uma outra sociedade com esses valores assim, assim... Pode me chamar de marxista. E se você pensar que ser cristão é se engajar em uma luta...”. Aí ele repete a mesma coisa. “Para superar essa sociedade classista, excludente, assim, assim e assim. Pois então eu sou cristão”. Está lá nessa entrevista. Até em um texto meu coloquei pedacinhos dessa passagem. Muito interessante. Paulo sempre pendulou, se você olhar a bibliografia de *Pedagogia do Oprimido*, ela não é uma bibliografia marxista, embora tenha Mao Tsé-Tung, Gramsci, Fidel Castro. E incorpora, por exemplo, Martin Buber, que é um filósofo judeu, até meio conservador. E outros vários pensadores. Era a grande sabedoria do Paulo. O que foi que ele fez: ele criou uma prática revolucionária de educação, sem um carimbo ideológico. Coisa que ele evitou a vida inteira. Tanto assim que agora recentemente saiu um dicionário da educação do campo, que eu recomendo, muito bem feito pela Expressão Popular. Tem o Gaudêncio Frigotto, Saviani, entre outros, e nesse dicionário fala-se pouquíssimo da educação popular. A gente sente que já é, sobretudo, via MST, e tem muito da Roseli Caldart, e olha que volta e meia eu ando trabalhando com o MST. Mas já é uma tentativa de pensar na educação de base marxista e que, digamos assim, não é que dispense Paulo Freire, mas de alguma maneira pensa Paulo Freire para agora! Para agora, 50 anos.

Entrevistadores: E na prática dos educadores do MST, nós acompanhamos um pouco em função da educação do campo; o pessoal trabalha muito com Freire, mas nos escritos, não.

Carlos Rodrigues Brandão: É, exatamente. Você tocou em um ponto, quando eu estive agora no Mato Grosso, e encontro com o pessoal da base, eles não têm um outro a não ser Paulo

Freire. Eles não têm um outro educador que tenha uma proposta. Mas quando você lê Gaudêncio Frigotto, ele vai passar batido, vai passar ao lado, mas vai falar em educação omnilateral, vai citar o Pistrak, o Makarenko.

Então, o que eu acho importante é exatamente isso. É no bojo dessa efervescência que o Paulo Freire, primeiro, escreve aquele artigo pensando nessa revista, depois “educação como prática da liberdade” que ainda é, não é muito da minha área, mas eu arriscaria dizer, um livro que trabalha com a lógica dualista. Norte e sul. Desenvolvido e subdesenvolvido. E, em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire dá um salto para pensar através de uma lógica dialética. Dualismo, mesmo que revolucionário, para dialético. Tanto que ele vai fazer a leitura de autores, até com Fernando Henrique Cardoso, Gino Germani, da Argentina. Todos aqueles criadores de um pensar, de um mundo dual, em uma situação frente a ele para saltar para uma postura dialética, mas não marxista. Sobretudo, naquele tempo, em que marxismo era muito cindido entre as várias correntes, maoísta, trotskysta, leninista, era uma coisa muito forte.

Entrevistadores: E sobre a crítica de que Paulo Freire recuou quando retornou ao Brasil?

Importante falar sobre isso. Muita gente costuma dizer que o Paulo Freire, não nos últimos anos, mas quando ele voltou para o Brasil, é um Paulo Freire que recua; que a *Pedagogia do Oprimido* teria sido o grande livro. O mais radical, o mais fundador do pensamento dele. E que, de então para cá, que ele já não escreve mais, mas vai escrever *Pedagogia da Autonomia*, que aliás, vai ser a Anita Freire quem vai editar. E outros que ela própria vai organizar e editar. Vai dar muita entrevista, e muita gente diz: não, o Paulo recuou. Não tem mais a radicalidade de *Pedagogia do Oprimido*. Mas, primeiro, o momento não era o mesmo. E segundo, aquilo que eu falei da reconceitualização da educação popular, você inclusive tocou um pouco. Entre os anos de 50, em que você tinha o proletariado e o empresariado; o campesinato e o latifundiário. Lutas de classes como horizonte, porém agora, 40, 50 anos depois, você tem uma pluralidade de movimentos sociais. Entre os povos indígenas, quilombolas, as mulheres, os negros, LGBT, Movimento dos trabalhadores sem teto, Movimento popular dos moradores de rua, Movimento dos catadores de materiais recicláveis, entre muitos outros. E tudo isso faz, de repente, abrir toda essa frente de lutas contra a sociedade hegemônica, capitalista, mas que nos obriga a uma pluralidade.

Para contextualizar a radicalidade que vivíamos nos anos 1960, vou citar meu próprio exemplo. Para vocês terem ideia, eu fazia Psicologia e abandonei meu curso, não fiz o último ano. Eu saí como licenciado e não como psicólogo, porque eu mesmo acreditava que a

=====

revolução socialista estava aí. Era coisa para o mês que vem. Então, para quê ser psicólogo? Uma coisa burguesa. Completamente abandonei o curso, casei com Maria Alice e fui estudar educação popular no México.

Hoje, exige um olhar mais aberto, mais plural. Porque, inclusive, os enfrentamentos são outros. Os horizontes são outros. As lutas são outras. O mundo se tornou extremamente mais complexo. E a gente ainda tem isso tudo no campo, ainda mais aqui no Brasil; na Argentina não tem quase nada. O MST é uma luta pela conquista de terras e tal. No Brasil até nós estamos bem avançados com relação a tudo.

Hoje não temos mais aquele horizonte dos anos 60 e não poderíamos esperar, não só do Paulo, mas até também de nós, uma postura de 60. Seria congelar a história, seria o oposto de uma visão paulofreireana. Cada momento da história nos impele a buscar uma educação popular, que fale a linguagem de agora e que faça propostas emancipatórias para agora.

Entrevistadores: Nessa mesma direção que o senhor está falando, lembro-me de uma entrevista de Paulo Freire, quando ainda estava na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, do final dos anos 1980 ao início dos anos 1990, ao dizer que o grande limite daquele momento era que as lideranças progressistas estavam deixando de detectar os níveis de luta de classe ali existentes. Entendia Freire que, naquele momento, esse era o principal limite para avançar qualquer educação de perspectiva humanizadora, emancipatória. Professor Brandão, o senhor dizia que, na atualidade, a pluralização dos movimentos sociais contribui para o enfraquecimento ou diminuição das tensões. Tal fato favorece a geração de outros movimentos, como a exemplo da escola comum. É aí que a gente começa a entrar em crise? Esse mesmo processo se dá em um momento de intensiva globalização, de monopólio da informação. Que relações ou implicações podemos pensar com base nesse quadro?

Carlos Rodrigues Brandão: Exatamente, vivemos em um processo de globalização e monopólio da informação como nunca houve. Nunca houve. Pois é, eu tenho até uma dificuldade. Inclusive, eu nunca fui um teórico, digamos assim, das estruturas macro. Como antropólogo a gente trabalha sempre no micro, né. Comunidade local, enfrentamento local. Mas eu penso o seguinte: quando você pega os artigos, os verbetes da educação do campo, você vê que as ideias de luta de classe estão presentes, absolutamente. Inclusive, é uma leitura marxista, mais ortodoxa em um autor, menos em outro, mas está presente o tempo todo. E, por exemplo, a crítica que vamos fazer a educação rural é que ela sempre foi uma educação no campo, mas com valores domesticadores, do campesinato, das crianças. Em educação do campo, é uma

educação não no campo, mas do campo. Que ela parte do campo, das lutas sociais do campo. E é a partir do campo ela se propõe através, nem sempre através simplesmente de uma luta de classe, mas transformar a sociedade brasileira. É interessante que dependendo de autores, de nuances, a própria ideia de luta de classes vai sendo diluído, vai sendo transformada em outras categorias. O próprio Boaventura de Sousa Santos, e muitos pensadores inclusive, e eu mesmo. Eu evito muito a expressão “luta de classe” justamente para não fechar e restringir. É para falar em lutas emancipatórias, participação popular. Inclusive, nesse sentido, eu tenho até um artigo que eu falo isso. Embora pareça uma regressão, dada a amplitude de novos atores individuais e coletivos nessas frentes emancipadoras, basta ver as pessoas recorrem a um fórum social mundial, você tem muito mais, digamos assim, uma pluralidade emancipatória, do que uma classe única condutora de um processo. E a própria ideia de povo, ela deixa de ser a ideia mais nitidamente marxista, as classes populares, as classes subalternas, de que vai falar o Paulo Freire, opostas em blocos às classes hegemônicas dominantes. E passam à categoria quase que rousseuniana, ou seja, povo com sociedade civil. Povo com, não apenas, todos aqueles que não são a elite mandante – o político, o empresarial, mas também a fração do povo que, por exemplo, está se opondo agora, concretamente no Brasil de hoje, a tudo que esse governo planeja. Inclusive, não lamentosas do tipo: “não estamos mais vivendo o Brasil que gostaríamos de estar vivendo”. Os direitos sociais estão sendo tomados, mas partindo do princípio que estamos vivendo uma situação de golpe, um golpe parlamentar, quer dizer, uma manobra política que tem que ser respondida com uma outra manobra política emancipadora e não conformadora.

Recontextualizando a educação popular

Eu acho que o próprio Paulo Freire, no que eu me lembro dele, falando em entrevistas ou conosco, vai estar muito nessa linha, em que nos últimos trabalhos, se mostra preocupado inclusive, até com a questão ambiental, que nunca nos interessou nos anos 1960. Lembro-me que a gente falava muito: “A luta agora é pela reforma agrária. A revolução agrária”. Depois veio a ambiental. O ambiental, por exemplo, no Instituto Paulo Freire, entrou nos anos 1990 e 2000. É muito recente. Agora, é interessante que no mundo plural que a gente vive, eu acho que são tantas as pessoas, são tantos os coletivos que estão envolvidos com todos esses processos, que poderia chamar, um nome genérico, educação popular, que quer dizer: “não, mas só quem está com a perspectiva de lutas de classes, projeto socialista radical, está trabalhando na educação popular”. Acho que isso seria um estreitamento, e isso sim seria uma postura

=====

conservadora. Seria pensar, no momento do século XXI com cabeça no século XX. E com metade do século XX, nos anos 60.

Eu estava em um encontro em Cartargena de las Índias, lá na Colômbia, com o Boaventura de Sousa Santos, inclusive eu partilhei de uma mesa com ele, e ele enfatizava muito isso. Até o momento em que algumas pessoas ficaram de pés amarrados, quando ele quase teria dito assim: “olha, o Paulo deu uma grande contribuição e como era lá na Colômbia, ressaltou que o Fals Borda também, que aliás era o homenageado desse encontro, no ano passado. Mas o momento é outro, quase que ele disse literalmente que “agora quem tem que dar a palavra de ordem sou eu”. E, é até interessante já me adiantando um pouquinho em outras perguntas. É curioso que, no âmbito de educação popular, o que se dá é o que a gente chama, entre os anos de 80 e 90, de uma “reconceitualização da educação popular”. E, nesse caso, aqui no Brasil por exemplo, movimentos como Nova, lá no Rio de Janeiro, o Sapê. Bom, e outros vários aparecem no Brasil, e as experiências com educação popular e nos governos petistas, onde em suas gestões fazem o esforço de institucionalizar a educação popular. No Rio Grande do Sul, onde eu participei ativamente, vão nos obrigar um olhar muito mais amplo, muito mais generoso, embora pareça perder um pouco daquela ferocidade revolucionária. Daquela direcionalidade daqueles tempos.

E eu até acho que o melhor trabalho que sintetiza tudo isso, me lembro que eu falei lá no Paraná, é daquele do meu querido amigo Alfonso Torres Carrillo, que escreveu o livro *Educação Popular: trajetória e atualidade*, onde resgata desde os primórdios de Paulo Freire até o momento atual, até os anos 2000. E vai trabalhar muito essa reconceitualização.

Bom, mas é interessante observar como é que outras práticas surgem, ao mesmo tempo em que no campo mais ligado à educação popular aparece a Teologia da Libertação, investigação ação participativa, e outras modalidades, movimentos sociais populares e o próprio MST que vão ter origem muito ligada à própria Igreja Católica. Outras experiências vão sendo criadas, por exemplo, agora de agosto a setembro eu vou participar de um encontro de “Pedagogia Social”. E eu quero ir, justamente, para ver qual é a deles. Porque eles defendem uma Pedagogia Social e eles têm publicado muita coisa, feito muitos encontros. Inclusive é uma ideia bem europeia que chegou ao Brasil, seria uma espécie de educação popular no século XXI, que não tenta superar, mas atualizar a educação popular para pessoas com olhar mais crítico, e eu me incluo aí, a Pedagogia Social é uma espécie de abrandamento, de domesticação da educação popular. E, voltando ao Boaventura de Sousa Santos, é mais ou menos uma

pedagogia que diz o seguinte: “O mundo não está bom, mas esse aí é o mundo. Então vamos lutar para tornar esse mundo o mais humano possível. Vamos fazer críticas, vamos lutar para mudar as estruturas, ampliar direitos humanos”. Ou seja, combater tudo isso que, por exemplo, é política do atual governo, dentro daquilo que o Boaventura chamaria uma regulação do sistema. E a educação popular, pelo menos nas esferas que eu pratico ainda dizem: Não! E aí, a gente sempre tem como lema, o lema dos fóruns sociais mundiais, um outro mundo é possível. Não é mais aquele dos anos 60, mas é um socialismo do século XXI, como o Boaventura gosta de dizer e eu também gosto de dizer muito.

Para completar, essa diversidade de movimentos trouxe este livro, o *Le Monde*, que eu acho a melhor publicação saída no momento. E me chamou atenção o fato de que eu cheguei aqui na página 36. Tem a “escola comum”. Vocês já ouviram falar? É uma proposta vinda de São Paulo, e assinada pela Rosana Pinheiro Machado e equipe comum. E aqui está a proposta deles. Excelência internacional, raízes populares e valores coletivos. Então é uma equipe, de São Paulo, uma gente que quer outra educação, e em nenhum momento eles vão falar em educação popular. Teriam até uma proposta mais próxima da Pedagogia Social. Então há um processo aí vertiginoso em formação de educadores para essa escola comum. E eu levei um susto, porque, primeiro, eu nunca tinha ouvido falar. Estava ontem lendo no ônibus, vinha de São José. E, segundo, não conheço ninguém. Eles não tiveram nenhuma intenção de se aproximar do Instituto Paulo Freire, da Ação Educativa, de todas essas pessoas que vêm da longa tradição da educação popular.

E o que a gente vê, não só quando lê autores, mas quando participa de fóruns, de encontros, agora mesmo eu estou vindo de uma semana Dom Tomás, lá em Goiás, é que, realmente, o leque emancipador está aberto. Então, é por isso que eu volto a todo momento às ideias do Boaventura, que não são dele. Na realidade são ideias plurais, mas que ele sintetizou muito bem. É, o que marca clivagem não é estar militando em nome de luta de classes ou não, mas é estar trabalhando por uma emancipação social frente ao sistema do mundo capitalista, ou estar conforme com ele, ou totalmente conforme, no caso do Bolsonaro. Ou então não conforme, mas dizendo: “Não!” O que a gente pode no máximo fazer é humanizar esse sistema. O que me pareceu, inclusive, a proposta dessa escola plural, pelo que eu li, vamos trabalhar com crianças para que sejam mais criativas, mais críticas, mais abertas. Inclusive, não tem nada, aos meus olhos, aí de novo. Aí eles apresentam como sendo uma coisa tão nova.

Entrevistadores: Como nasce e qual a importância da pesquisa participante para a educação libertadora?

Carlos Rodrigues Brandão: Essa pergunta é muito interessante e eu já escrevi muito sobre isso. Eu vou colocar a partir da minha própria experiência, passo a passo. Quando no MEB a gente começa a trabalhar com comunidades, não só alfabetização através da escola radiofônicas, mas trabalho direto com comunidades, a gente importa, inclusive, da ONU, uma proposta de um levantamento da realidade social. Que era, não mais, do que aquele levantamento de condições de habitação, saúde, alimentação, educação, e por aí a fora. Um questionário que eu cheguei a aplicar na comunidade. O Paulo Freire, com o método dele de alfabetização, ele já lança um germe na direção da pesquisa participante. Quando ele propõe que os próprios alfabetizando comecem seus trabalhos através de uma pesquisa, de um universo vocabular, depois de um universo temático, junto à comunidade. “Vocês são analfabetos, mas são pesquisadores”. E vão refletindo não a partir do que a gente conta para vocês, mas com base no que vocês estão descobrindo. Com seu linguajar, com a sua problemática. E então nós fazemos uma passagem que não é abrupta. Não é, digamos, passada pesquisa acadêmica para participante, ela vai passo a passo. Fazendo trabalhos que tinham vínculos com memória social, muito bonito junto da comunidade negra, do quilombo. Porque pergunta fundamental era essa. A partir do momento em que nós estamos estabelecendo uma relação dialógica com o povo, uma relação de mão e contramão. Indo ao povo buscar conhecer, não apenas o seu folclore, mas a sua vida profunda, sua ideologia, a sua maneira de si, as suas raízes de luta. E depois voltar ao povo com uma educação, que a partir dos seus próprios termos seja libertadora e dialógica o tempo todo. Ninguém ensina ninguém, mas ninguém aprende sozinho. É como no momento de fazer a pesquisa para conhecer a realidade, a gente mesmo procurando fazer um trabalho aplicado, que não vai na prateleira da universidade, mas vai que servir uma comunidade. A gente se apresenta como autor do projeto, autor da pesquisa, como aquele que lê a pesquisa, e que apenas interpreta para o povo. A gente começa a criar, mas aí é já nos 1970 e 1980. Autodiagnóstico, pesquisa participante, vai ter vários nomes. Hoje em dia na América Espanhola, a gente consagrou IAP (Investigação Ação Participativa). E o interessante é que eu estive em Rosário, agora, na Argentina, no ano passado, e já era um encontro sobre o que?! Educação militante. Ou melhor, Investigação militante. Ou seja, para super-resumir, a crítica que eles fazem a partir de grande medida é a seguinte: está acontecendo com a pesquisa participante o que aconteceu com a Pedagogia Social, ou seja, ela se diluiu a tal ponto que

qualquer aluno de mestrado faz pesquisa participante. Ela apenas tem uma tintura de participativa.

E a ideia de que a pesquisa é participante não porque o povo participa dela, mas porque ela participa das lutas populares, se perdeu. Então, eu estou escrevendo um artigo, vai sair em um livro sobre pesquisa militante, tenho até um material interessante. Quem mais está trabalhando com isso é Breno. Professor Breno, lá da UERJ, no Rio de Janeiro.

Entrevistadores: Podemos afirmar que o atual contexto social, político, econômico e educacional constitui uma situação-limite? Nesse caso, como construir o inédito viável por meio da educação formal?

Carlos Rodrigues Brandão: A educação popular sempre se resolveu mais no âmbito do adulto. [...] No Rio Grande do Sul, por exemplo, no tempo da Olívia, estive lá várias vezes. E as experiências de educação infantil, o sistema Paulo Freire, desde o começo até o fim, da criança ao idoso, nunca se resolveu muito. Porque ela nunca conseguiu ser uma política de Estado consistente. Veja o próprio MOVA do Paulo Freire, Erundina com MOVA do Paulo Freire. Próxima eleição entra o Maluf e 6 meses depois destruiu tudo.

Então, realmente, esse dado é muito crucial. Mas eu concordo, por exemplo, com Miguel Arroyo, que trabalha muito nessa linha, com a ideia de que, se você nunca teve uma experiência assim, estadual, mesmo brasileira, como um sistema de educação popular. “Ah, a educação popular fecundou muito políticas de escola pública no Brasil”. O Gadotti de um lado e o Arroyo do outro reforçam muito aquele tempo das escolas cidadãs, das escolas candangas em Brasília. Aí em todo o momento em que se tentou dar uma virada, uma sacudida, sobretudo, nas escolas públicas das crianças mais pobres. E eu acho que muita coisa fecundou e fertilizou. Agora não se criou, como em Cuba, um modelo único de educação baseado em educação popular. Isso não. Eu, por exemplo, continuo defendendo que a educação popular, ela não é uma educação pública em termos de poder. Ela é uma educação dos movimentos sociais, desde a sua origem. É uma educação dos movimentos sociais. A partir do momento em que o poder público, com a melhor das intenções, Rio Grande do Sul, volto a dizer com a experiência de Lajes e outros municípios aí pelo Brasil. Apoia-se, apropria-se da educação popular, ao mesmo tempo em que há um enriquecimento, por exemplo, da própria proposta pedagógica da rede de escolas, há uma espécie de distorção da educação popular, porque ela não comunga com o poder de Estado. Como careta mesmo na sociedade socialista, e mesmo assim eu questiono. Por exemplo, eu que estive em Cuba sempre me perguntei: “A educação cubana é uma educação

=====

do povo cubano ou uma educação do poder de Estado?”. Eu acho que é uma educação do poder de Estado. Inclusive, muito bonita, muito democratizadora, muito inovadora.

Entrevistadores: Professor Brandão, se pensarmos com base na sua indagação: “quando a pedagogia tornou-se do oprimido e quando que a educação tornou-se popular” e que o senhor complementa à la Eduardo Galeano: “o horizonte é educação libertadora, o caminho é educação popular, e os passos que damos são com a pedagogia do oprimido”. Aí não adentra a escola formal? Não tem por dentro dessa afirmação uma intencionalidade da educação popular avançar para além dos movimentos sociais?

Carlos Rodrigues Brandão: Eu tenho uma dificuldade, assim, preventiva. Ou seja, como eu nunca vi acontecendo, e com o máximo que eu vi mais próximos foram experiências como Porto Alegre, Caxias do Sul, Alvorada, onde por anos se tentou isso aí, eu tenho uma dificuldade muito grande em acreditar nessa proximidade. Eu vou te dar um exemplo pegando a outra ponta. Você sabe que o Lula criou, inclusive lá no Paraná, 3 universidades dos movimentos populares. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Eu estive em duas, inclusive. Mas o que aconteceu?! Na hora de fazer o concurso, por uma lei constitucional, o concurso é universal. Mais da metade das pessoas que entraram não quiseram assumir aquilo. Disseram: “Não, não tem nada que ver movimento social. Sou um cientista, eu quero fazer carreira”. Eu lembro que, não sei se era no Paraná ou Rio Grande do Sul, o coordenador do curso, justamente o de Ciências Sociais disse: “Veja só, porque nós temos que ser democráticos, nós perdemos totalmente a nossa vocação. Essa universidade é carimbada como dos movimentos sociais, mas é muito parecida com qualquer uma”. Aí eu me lembro daquele que estava discutindo isso. Você só vai ter uma universidade dos movimentos sociais quando ela for criada pelos movimentos sociais. Aí sim, o governo banca, o governo subsidia, mas toda a política de gestão é dos movimentos sociais. E mesmo assim há quem diga, essa escola, por exemplo, uma universidade do MST, ela não é democrática porque se dirige só a uma categoria de sujeito. Que é a crítica que muita gente faz e eu não concordo. Que eu devolvo. Pois é, quando você tem uma escola de elite, paga, cara e seletiva, ninguém reclama. Quando tem, como existem no Brasil e estão até proliferando, escolas militares. Eu estava lendo um artigo da quantidade de pais que estão pondo os filhos nessas escolas, ninguém se queixa, e no entanto, é uma escola ideológica. Mais do que isso, é uma escola militarizada e militar. Eu que fui durante um ano de escola militar, eu sei o que que é isso. E sei o que que é lavagem cerebral também. Pois quando você cria os movimentos populares: “Ah, você está criando experiências universitárias

classistas, que não é universal, que não é democrática, mas que vocês defendem democracia”. É muito complexo isso daí, muito complicado mesmo. E a gente não pode esquecer tem que ser realista aí, que nos países socialistas, Cuba foi até a melhor de todas, socialismo caiu bem. Mas as experiências pedagógicas foram lastimáveis. Lastimáveis. Por exemplo, você tem a revolução soviética. Você tem um pequeno brote de uma escola pensada, inclusive, com educadores fantásticos naquele tempo, mas imediatamente com Stálin e se transforma na pior escola possível. Quer dizer, pior até do que aquela que temos. Aquela ideia de “forjar o homem novo” com a construção do socialismo, se transforma em uma escola para criar sujeitos subordinados ao poder de Estado, que se diz socialista, mas que é um poder ditatorial. Cuba, eu tenho a impressão de que conseguiu criar uma flexibilidade maior, inclusive uma escola mais aberta. Depois, com o passar do tempo, até se voltou de novo para elementos da cultura cubana e tudo isso, mas que ainda tem essa extensão. Agora com relação a essa pergunta de inédito viável, mesmo neste Brasil desgraçado de agora, aliás, eu venho dizendo para gente não pensem só no Brasil não, toda a América Latina está nessa toada. Nesse mesmo jornal Le Monde, nos 2 ou 3 números passados, tinha um artigo justamente sobre isso. Mostrando que há 10 anos atrás, tinha uma fotografia de uma reunião de cúpula dos presidentes, tinha a cúpula da América Latina, 10 eram de esquerda. E depois desse tempo, quantos são agora?! Talvez o da Bolívia, depois o da Venezuela, que a gente nunca sabe para onde vai... Então é uma situação... Veja o caso da Argentina agora, com chapéu na mão, situação muito pior que a nossa. Então, todo um projeto globalizado, muito bem pensado do mundo capitalista, inclusive que tem a ver com todo o enfrentamento do bloco ocidental (Europa e Estados Unidos) frente ao bloco oriental (China, Coreia do Norte)... Quer dizer, esse mundo que mesmo capitalizado, no caso da China, ainda é comunista. Inclusive, esse é o grande enfrentamento. Nós somos o quintal deles. Mas muito do que está acontecendo aqui é uma tomada de poder de países da América Latina para fortalecer esse bloco hegemônico capitaneado pelos Estados Unidos. O Próprio golpe parlamentar todo mundo sabe, tal como em 64, que foi tramado, foi bem pensado... Mas só para terminar, mas eu que atravessei suicídio do Getúlio, a queda do Jango, a ditadura militar, as loucuras do Jânio, e agora esse Estado semi-ditatorial, eu costumo dizer inclusive para os meus alunos, agora mesmo eu estava falando em Goiás: “o que a gente pode menos querer agora é perder a esperança”. Se deixar de olhar esse inédito-viável, aquilo que pode romper, acontecer e transformar tudo... Até eu tenho mandado um artigo, para bastante gente, inclusive para vocês, que tem o título: “Manter a esperança”. Citando inclusive Boaventura, Darcy

=====

Ribeiro, Paulo Freire... E eu continuo acreditando, até pela experiência que eu tive, que eu atravessei toda a ditadura um pouquinho como estudante e um poucão como professor. Inclusive, é tanto que eu fugi, me esconderam... um monte de coisa. E eu acredito que, muitas vezes, é debaixo de situações como essa que a gente mais é capaz de criar focos de resistência... Claro que agora é um pouco mais difícil porque a situação é muito mais diluída, a gente em 1964\1968 tinha uma visão muito mais clara de quem era o inimigo. Uma divisão de quem está de um lado e do outro muito mais marcada. Agora você tem um leque tão aberto, de repente esse caso da Pedagogia Social que agora eu falei. Quando você conversa com essas pessoas, são extremamente bem-intencionadas. Estão dando sua vida por isso, se dedicando, mas você diz: “Bom, e agora? E que projeto de mundo vocês têm?” E você vê que há uma diferença.

Entrevistadores: Professor Brandão, pensando em uma educação ao longo da vida, em educação de jovens e adultos, sobretudo, no que a escola com todos os limites que ela tenha, como é que a gente pode anunciar a esperança?

Carlos Rodrigues Brandão: Parece que o livro mais bonito que fala sobre isso é do Miguel Arroyo. É o livro novinho dele. Até a gente estava conversando sobre o título do livro num encontro em Brasília. Estive lá em uma mesa redonda com ele, tem uns dois anos. Chama, parece que *Passageiros da Noite*. É um livro muito bonito. Eu não li ainda, nem vi, é porque ele me contou o projeto inteiro do livro. E a palestra inteira dele foi baseada no livro. É... eu vejo isso tudo em dois planos. Aí aparece uma coisa curiosa, que parece que eu estou com um pé na Pedagogia Social e o outro na educação popular. Eu vejo que todo esse movimento, inclusive, eu até escrevi um artigo para essa CONFINTEA, que eu podia mandar para vocês. Justamente glosando, porque o lema desse grande encontro internacional foi: “Por uma educação ao longo de toda a vida”. E eu mudei pra: “Por uma educação para transformar ao longo de toda a vida”. Que daí a educação é cidadã, é abrangente, é inclusiva... Tem todas as virtudes.

Não toca, entretanto, justamente no essencial. Eu diria assim: “até o meio do caminho a repetir da Pedagogia Social – justiça, inclusão, cidadania, direitos de idosos, de jovens, de todas as categorias – uma educação de qualidade. Mas para aqui. Como se fosse uma viagem que até aqui. Mas para quê? Para criar uma cidadania ainda inscrita na sociedade dual capitalista em que todas essas coisas vão ser devoradas. Não há menor dúvida, pelo mundo capitalista, pelo ideário capitalista. Ou uma educação que começa com isso, mas se estende à ideia de que sim o horizonte, daí o horizonte *Pedagogia do Oprimido e Educação Popular*, é transformar esse

mundo. Transformar mentes, transformar mundos... Eu até escrevi em uma folha de papel, estava lá em Goiás, eu não sei se eu vou conseguir lembrar. Foi uma fala que eu fiz lá em Goiás, eu encerrei com isso. Eu dizia assim: “Se a gente pudesse pegar tudo que Paulo Freire escreveu e resumir em pequenas frases, como seriam elas?” Então, vamos ver se eu recordo. Dizia, todas com verbos. Primeiro, viver a sua vida. Segundo, criar seu destino. Depois, aprender o seu saber. Em seguida, dizer a sua palavra. Inclusive é uma expressão do Paulo Freire. Depois, partilhar o que sabe. Depois, transformar sua mente. Transformar o seu mundo. E escrever a sua história. Mas não tem nada de meu aí. Tudo isso são os enxugamentos das ideias básicas do Paulo.

Entrevistadores: No caso, acho, é a última coisa por conta da sua voz, Paulo Freire aposta que há uma palavra que tem na escola ou que deva ter, que modere o povo. Será que a gente não tem que buscar e lutar por essa busca do espaço da palavra?

Carlos Rodrigues Brandão: Eu acho que sim, porque, veja você, hoje nós estamos vivendo uma ditadura na educação, na comunicação... Muito pior do que em 64. Primeiro porque é globalizado. Você está aqui, está na Austrália, está em qualquer país, os slogans, as mensagens são as mesmas. Segundo porque ela é muito ilusoriamente alentadora. Até outro dia eu fiquei sabendo, não sei se é algum projeto ou alguma coisa do ar, que seria colocar nas escolas uma disciplina sobre empreendedorismo. E outro dia eu comentava em uma fala, dizia: “Reparem como é que tem um novo herói apregoado na televisão, nos anúncios, nas novelas... Que não é mais o professor, o educador... É um empreendedor”. Você pode ser um empreendedor e faz uma boutiquezinha, um salão de manicure... Mas seja essa pessoa porque qualquer que seja a dimensão, você venceu na vida. E claro, todo mundo sabe que em curto prazo isso vai invadir as escolas. Quer dizer, a escola sem partido, na verdade é uma escola empresariada e empresarial. Quer dizer, muito claro. Quer dizer, você deixa de discutir o social como um problema e passa a discutir a sociedade como arena de conflito, onde vence quem sabe melhor lidar com as regras do jogo. Isso vai ser inculcado nas crianças desde cedo.

Entrevistadores: Em várias escolas privadas já tem. E a outra ideia é a do consumidor responsável.

Carlos Rodrigues Brandão: Tudo ligado a isso. Aí eles invadem a área de meio ambiente, de saúde, de cuidar do povo. Tudo com uma inteligência muito grande, mas associado a: O que que é o homem ideal? O que é a mulher ideal? Aquela que é empreendedora, senhora de si, capaz de lutar demasiadamente pelo seu sucesso na vida. Mas, ao mesmo tempo, a pessoa é

=====

responsável, participante, eu não sei do quê, mas participante. Ecologicamente correta. Pessoa de corpo e mente desenvolvidos, mas não mais em termos de abrir-se ao outro, de criar uma sociedade justa, mas em termos de fechar-se em si e competir contra os outros, o mundo como arena. E vencer na vida.

Nota

¹ Na edição de 1972 de *Cristianismo y Sociedad*, Brandão publicou, das páginas 5 a 38, o artigo *Concientización y Educación Popular*, assinado como um “Trabajo de Equipo”, que posteriormente se tornou um capítulo de *Educación Popular y proceso de conscientización*. Anos depois, a obra foi lançada no Brasil, pela Editora Vozes, com o título *Educação popular em processo de conscientização*, em que Brandão aparece como tradutor do próprio livro.